

## A OLARIA EM LANHESES<sup>1</sup>

Por MARIA DE FÁTIMA PIMENTA AGRA<sup>2</sup>

Respondendo ao convite feito pelo nosso Presidente da Junta, Dr. Ezequiel Vale, para elaborar um muito breve apontamento histórico sobre Lanheses e a sua actividade artesanal e industrial, no âmbito da cerâmica, olaria e louça artística, sinto uma particular satisfação em fazê-lo, por ser de Lanheses, mas sobretudo por ter a oportunidade de poder contribuir para a divulgação deste património, tão velho no tempo, mas que não é só material, pois a partir dos princípios do séc. XIX e até hoje, foram-se criando situações de um progressivo envolvimento de gerações, nestas actividades.

São os nossos valores humanos mais recentes, que tanto recordamos e respeitamos!

Alguns já partiram, mas são ainda muitos os que estão entre nós e que podem testemunhar este fazer da História.

Lanheses é terra de barro.

Sabemos que quase toda a freguesia está assente em barro e que são ainda visíveis muitos locais onde outrora se abriram as minas para extrair esta matéria prima de alta qualidade.

A toponímia, Lugar do Barreiro, Lugar de Lamas, também o confirma.

---

<sup>1</sup> Nota histórica proferida no dia 01 de Agosto de 2008, por ocasião da abertura do Núcleo Museológico de Lanheses.

<sup>2</sup> Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Professora aposentada pela Escola Secundária Pluricurricular de Santa Maria Maior, Viana do Castelo.

São muitos os vestígios de cerâmica castreja e romana encontrados na Cividade, no Lugar do Outeiro<sup>3</sup>.

Restos de tijolos, telhas de cano grosso, baldosas, vasos em forma de bilhas apontam para um fabrico local, desde a época medieval e, ao longo do tempo, até à primeira metade do séc. XX, onde pequenas unidades de tipo familiar ainda funcionavam no fabrico de tijolos e telha mourisca.

“A telha de Lanheses, rezam os documentos, era excelente. A louça surgiu mais tarde”<sup>4</sup>

“Alguns autores (Bolama 1914: 437) e a tradição oral ainda viva na povoação, afirmam que esta telha terá mesmo sido utilizada na construção do convento de Mafra, mandado erigir pelo rei D. João V, na primeira metade do séc. XVIII. O certo é que, na segunda metade desse século, grande quantidade de telha saiu da barra de Viana com destino a Lisboa e a outros pontos do País” (Capela 1992)<sup>5</sup>

Referências, a fornos de cozer telha e eiras de barro, por toda a freguesia, são imensas. No final da 1ª Grande Guerra Mundial ainda existiam mais de 30 fornos<sup>6</sup>.

No principio do séc. XIX, iniciou-se a produção da louça preta com a chegada de um oleiro de Prado, João Machado da Rocha, que juntamente com alguns dos seus filhos, casados com jovens de Lanheses, laboravam em oficinas familiares onde, por idade e sexo, distribuíam o trabalho. Modelavam cântaros, panelas, caçoilas, púcaros, chocolateiras, copos etc., sem vidrado. As mulheres é que vendiam a louça nas feiras.

“São pois, os filhos, os netos, os bisnetos e tetranetos, deste João Machado da Rocha, que vão manter a produção da louça de barro preta, em Lanheses, desde c<sup>a</sup> 1810 até c<sup>a</sup> 1940”<sup>7</sup>.

---

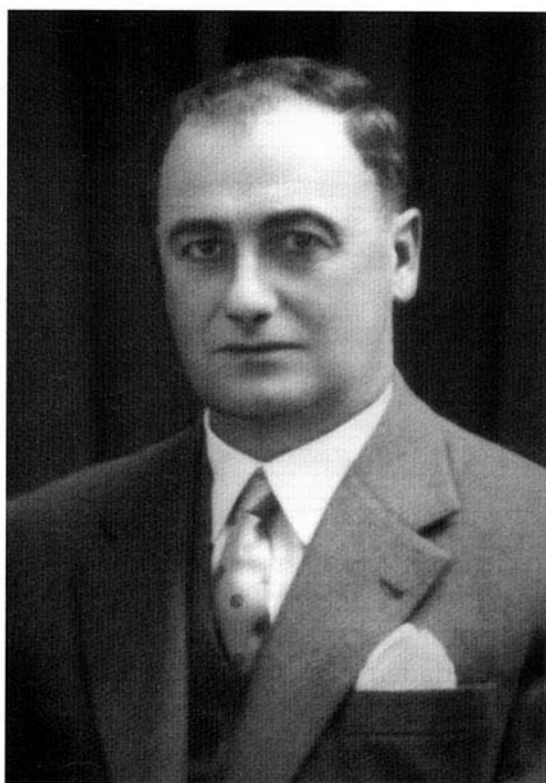
3 Escavações feitas em Agosto de 1985 por uma equipa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto orientada pelo Professor Doutor Brochado de Almeida.

4 Isabel Maria Fernandes

5 Isabel Maria Fernandes

6 Gabriel Gonçalves

7 Isabel Maria Fernandes



José Agra

Com o patrocínio da fábrica de José Agra C<sup>a</sup>., após a década de '40, os últimos oleiros, Manuel Franco e Damião Palma, produziam ainda talhas e infusas vidradas, chocolateiras, garrafas, cântaros, alguidares, coadores com furos e cantarinhas de barro vermelho. Participaram nas paradas das festas de Nossa Senhora d'Agonia e em várias exposições artesanais. Trabalhavam com um barro de aguada constituído por barro de Alvarães a que adicionavam um pouco de caulino.

A louça de Lanheses, ao contrário da louça produzida na Meadela, que era de porcelana dita "grés fino", era faiança. Na composição da pasta havia ainda um segredo só conhecido dos oleiros de Lanheses: adicionava-se ao barro vermelho sangue de boi, que lhe não dava cor, mas uma certa gordura à terracota; a algumas destas peças adicionavam por vezes ferrugem. A pasta era armazenada em cinza, por a tinta ser absorvente e a cozedura duma pasta menos húmida resultava mais rápida. As tintas para a pintura da faiança eram importadas da Alemanha. A cozedura fazia-se a 500º, mas a vidragem era a 1 100º. Mas, quando se tinha em vista apenas a pintura das peças, como foi feita pelo Mário Emílio e principalmente por sua mulher Lurdes



Garrafa em barro vermelho  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>



Garrafa em barro preto  
Olaria do Outeiro

Carteado ou por Fernanda Soares, acontecia que se comprava louça em branco à Artibus de Aveiro, para ser pintada em atelier em Lanheses.

O jornal “Voz de Lanheses”, do mês de Outubro de 1965, recorda-os assim:

“A exposição da feira de Artesanato de Viana do Castelo teve o condão de afirmar, a milhares de pessoas de todo o mundo, que Lanheses possuiu ainda os melhores oleiros da região, verdadeiros artistas populares que do barro fazem em dois toques de dedos leves, autênticas maravilhas. E mais adiante... com o à vontade de quem sabe o que faz”

Entretanto, foi na 2<sup>a</sup> década do séc. XX, que Domingos da Rocha Santos, conhecido por Domingos da Borralha e João Gonçalves da Quinta, conhecido por João das Teresas, fundaram a primeira fábrica de cariz industrial, no Lugar do Barreiro, Fábrica das Mimosas, que passou a produzir tijolo e telha marselhesa.



Caçarola em barro vermelho



Jarra - Fernanda Soares, 1967  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>  
Marca O.A.L.



Pote  
Fábrica Agrad & Dias, Lda.  
1983



Prato vazado - A. Torres, 1983  
Fábrica Agrad & Dias, Lda.



Jarra - Mário Emílio, 1967  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>



Caneca, 1967  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>



Garrafa, 1967  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>



Caneca - Mía Rodeira, 1967  
Fábrica José Agra & C<sup>a</sup>



Forno industrial de telha e tijolo. Fábrica Gonçalves, Lda., Fabril do Barreiro.

Dez anos depois, separadas as sociedades, surgiu outra fábrica, Matos e Gonçalves, Fábrica do Barreiro.

Mais tarde, Domingos da Rocha Santos abre uma 2ª fábrica, noutra local, mais moderna, com um forno automático, inventado por ele, cuja patente registou<sup>8</sup>.

Após o seu falecimento, esta fábrica foi adquirida por Manuel João Gonçalves, Fábrica Gonçalves Lda., Fabril do Barreiro.

Em 1942, José Martins Agra, Manuel Araújo e Palmira Sequeira da Silva, no Lugar da Rocha, abriram a fábrica José Agra C<sup>a</sup>. para

---

<sup>8</sup> Um novo forno: "O Forno cerâmico automático, super-económico-permanente" Patente n.º 28017 – livro impresso a 14 de Abril de 1951 nas oficinas de *A Aurora do Lima*, Viana do Castelo.



Mestre Oleiro, 1970,  
in *Jornal de Notícias*

fabrico industrial de telha e tijolo.

A qualidade melhorou muito por ser uma fábrica bem apetrechada e com aperfeiçoados meios técnicos. Um dos proprietários, José Martins Agra, participou, em data a saber, num curso para encarregados da industria de tijolos e telhas que teve lugar em Lisboa, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil<sup>9</sup>.

Foi nesta fábrica que se realizou um ensaio de fabrico de louça decorativa, fundando-se a Olaria Artística de Lanheses – O.A.L.

Esta oficina artesanal foi montada em 1967 por incentivo da Comissão de Festas de Nossa Senhora d'Agonia e do Ministro do Interior de então, Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior. Contou com a iniciativa e entusiasmo de José Martins Agra, um dos proprietários da referida fábrica.

Nesta funcionou a laboração, com oleiros e artesãos de Lanheses, sob orientação técnica de Mário Emílio, reconhecido artista plástico Vianense e de sua esposa Maria de Lourdes Carteador, pintora, ceramista e professora. Trabalhou também nesta oficina, Fernanda Soares, pintora, muito conceituada no meio.

Tratou-se de uma experiência com o objectivo de fazer ressurgir a antiga louça de Viana.

A experiência não foi avante, possivelmente, além de outros motivos que desconhecemos, por falta de apoios económicos. Entretanto temos conhecimento que se venderam peças desta faiança, de qualidade, bonitas e valiosas.

Foi pena tudo acabar.

<sup>9</sup> Segundo o programa do referido curso. Não refere o ano, apenas os dias e o mês



Em 1983, nas instalações da mesma fábrica, nasceu a Olaria de Lanheses, sociedade por quotas, "Abras e Dias Limitada" com novos objectivos e nova orientação técnica.

Produziram-se peças de porcelana de valor artístico, quase todas assinadas pelos pintores R. Soares e A. Torres.

Infelizmente, também esta iniciativa não resultou, acabando a fábrica por fechar as suas portas definitivamente, na década de '80.

Não gostaria de terminar sem prestar homenagem aos nossos antepassados, especialmente aos mais próximos, quer tivessem sido empresários, técnicos, artesãos ou operários anónimos. Todos são infinitamente preciosos para nós e, por isso, os recordamos com muito respeito e saudade.

Homenagem ainda aos que se realizaram nas mesmas actividades e que ainda vivem, preciosos também, na construção da nossa memória colectiva.



Maria de Lurdes Carteado (pintora) e Mia Rodeira (artesã)  
Fábrica José Agra & Cª, 1967

Para finalizar, o nosso reconhecimento ao Dr. Ezequiel Vale a quem se deve a feliz iniciativa da fundação do Núcleo Museológico de Lanheses. A ele se deve também toda a coordenação, parte da investigação e todo o contacto com os proprietários das peças cedidas ao Núcleo Museológico. Rigoroso no seu trabalho, pediu ajuda a pessoas altamente qualificadas.

Nestes dias, em que prestei a minha humilde colaboração, tive mais uma vez ocasião de reconhecer no Dr. Ezequiel um jovem inteligente, criativo, empreendedor e com grande amor à Cultura e à sua Terra, que também é a minha.

Bem-haja!

#### OBRAS CONSULTADAS:

- FERNANDES, Isabel Maria - *As oficinas de louça preta de Lanheses (Viana do Castelo): um fenómeno de migração*, 997.  
GONÇALVES, Gabriel - Lanheses: Subsídios para uma monografia, 1988.  
*Olaria artística de Lanheses*, Viana do Castelo, Comissão de Festas de Nossa Senhora 1967;

**Informadores:** Adriano Pereira da Costa<sup>10</sup>, António Martins da C. Palhares<sup>11</sup>, Manuel Castro Palma<sup>12</sup>, Rosa de Araújo Gomes<sup>13</sup>, Domingos Cunha<sup>14</sup>, Mia Rodeira<sup>15</sup>, Maria José e Palmira Teixeira Vieira<sup>16</sup>, Mário Emílio, Pintor e Escultor<sup>17</sup>, Francisco Dias de Carvalho<sup>18</sup>

A autora agradece a permissão de fotografar as peças aos Senhores Valdemar Oliveira, Fernando Sales Gomes e Núcleo Museológico de Lanheses.

10 Industria de telha e tijolo.

11 Industria de telha e tijolo.

12 Olaria de louça preta.

13 Olaria de barro vermelho.

14 Olaria Artística de Lanheses.

15 Olaria Artística de Lanheses.

16 Olaria Artística de Lanheses.

17 Olaria Artística de Lanheses.

18 Olaria de Lanheses.